

A BIBLIOTECA DO MUSEU GOELDI

por

MACHADO COELHO

A Biblioteca do Museu Paraense! Tirou-a do nada Emílio Goeldi, com aquele *fiat lux* da fábula moisáica. Na hora de imprimir novo ritmo a este instituto que lhe herda o nome, aí pelas alturas de 1894, o velho zoólogo, direi melhor, o velho sábio bradou ao mundo através do primeiro número do *Boletim* de sua então nóvel organização: "Uma biblioteca própria do Museu não existe e isto constitui certamente um dos melhores critérios para julgar do seu estado atual. Como há de se determinar objetos de história natural sem obras sistemáticas? O Museu Paraense deve ter sua biblioteca e até uma muito boa sôbre ciências naturais e etnologia, especialmente em relação a tudo que diz respeito à Amazônia."

O apêlo de Goeldi encontrou logo éco dentro e fóra do país. Seis meses depois, em janeiro de 1895, seis meses apenas, em seu Relatório complementar ao governador Lauro Sodré o diretor do Museu dava contas da criação da Biblioteca, falando desta em palavras animadoras: "Desenvolve-se satisfatôriamente. Durante o exercício passado tem-se todavia já feito, dentro dos limites dos poucos meios disponíveis, um respeitável princípio. A proporção dos livros já existentes para a dos livros estritamente precisos será aproximadamente de 1 para 4, e é indispensável para o andamento regular do Instituto que neste ano de 1895 seja realizada a aquisição dos 3/4 restantes. O que nos falta principalmente agora são certas obras mais volumosas e um tanto caras, como diversas expedições, monografias, etc." E mais adiante: "Honraram-nos com ofertas de permuta, já nas primeiras semanas ou logo depois da saída do nosso primeiro *Boletim*: a Sociedade de Ciências Natu-

rais em Frankfurt an der Oder, da Alemanha; a Biblioteca da Universidade de Strasburgo; a da Universidade de Munchen; a Sociedade Zoológica de França; o Museu de La Plata, de Buenos Aires; a Division of Mammalogy and Ornithology, de Washington e o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Tenho idênticos avisos também da parte da Universidade de Santiago do Chile, da Academia Real de Ciências de Gottingen, da Alemanha e de diversas outras corporações.”

A partir daí não mais cessou o zelo infatigável de Goeldi pelo acervo livresco do Museu, chegando a conseguir do governador Lauro Sodré, quando este baixou decreto estatuinto o regimento da casa, medidas draconianas para defesa e salvaguarda do precioso patrimônio cultural: “Art. 25 — A Biblioteca do Museu Paraense pode ser utilizada por pessoas estranhas, que tenham obtido licença especial do Diretor; porém não poderão retirar os livros para fora do estabelecimento. Art. 26 — O funcionário científico do Museu, que quiser retirar livros para sua residência particular assinará um documento pelo qual se obrigue a restituir uma importância calculada no dobro do valor da obra, caso esta se extravie”.

Os anos foram passando e Goeldi a lutar pelo franco desenvolvimento e seleta especialização de sua livraria, parecendo sempre insatisfeito com aquilo que obtinha, não raro, como disse, sob o penhor de sua garantia pessoal: “Por bom que seja o princípio da nossa Bibliotéca não posso porém deixar de declarar que nos falta ainda porção de obras estritamente necessárias, tanto em relação a “standard-works” em sistemática em cada uma das especialidades, como em obras sôbre viagens e expedições, que interessam a nossa esfera de ação. É preciso que haja todas as obras que constituem o cabedal do estado atual das ciências naturais relativas à Amazônia (tomada na noção da geografia física), pois é claro que nenhum de nós poderia discutir com sucesso perante o científico qualquer problema da natureza indígena sem conhecer antes de tudo bem aquilo que outros autores a respeito já disseram e deixaram arquivado na literatura dos diversos tempos e povos”. (Relatório de janeiro de 1896).

Com esse espírito de organização extraordinário e esse amor indiscutível pelo Museu, Goeldi conseguiu interessar altas personali-

dades mundiais na formação de sua Biblioteca. O seu Relatório de janeiro de 1897 dá-nos uma notícia curiosa, em que aparece uma figura de sangue real fazendo doação de livros: "A nossa Biblioteca conta hoje aproximadamente 1.050 volumes. Ela é pequena quantitativamente, mas bem regular já qualitativamente e vai ser uma Biblioteca escolhida, adaptada às nossas necessidades especiais e ao nosso programa de trabalho, que se concretiza no estudo da natureza amazônica. Entre as obras, quasi todas ilustradas, temos diversas de subido valor. Somos assinantes das principais revistas que aparecem sôbre os diversos ramos cultivados pelas secções do Museu. Doações literárias de avultado valor recebeu-as o Museu durante o ano, da parte de S. A. S. o Príncipe Alberto I de Mônaco e do professor Branner, da Universidade de Stanford, da Califórnia."

O ano de 1897, com verba diminuta e câmbio baixo, foi quase fatal para a Biblioteca do Museu. Ainda assim, ela alcançou seus 1.200 volumes. A literatura geológica estava ali muito mal representada, a ponto de não ser possível a realização de certos estudos e pesquisas por falta de obras, monografias e revistas sôbre o assunto. A secção zoológica queixava-se, também de penúria, lamentando sobretudo a ausência dos "Proceedings of Zoological Society", de Londres, preciosidade que adquiriria mais tarde, necessária principalmente por sua notável contribuição no que diz respeito à fauna amazônica. Em 1898, com Jacques Huber interinamente na diretoria do Museu, foi uma época igualmente para a Biblioteca de vacas magras e espigas mirradas. Em compensação, apareceu avultado número de publicações periódicas em permuta com o *Boletim*, que já alcançara notoriedade. Mais afortunado foi o ano de 1899. Fizeram-se aquisições literárias mais ou menos importantes, umas por compra, outras por troca, outras ainda por doação. A livraria enriqueceu-se com a série completa do "*Iust's botanische Jahrbücher*", obra de peso, em muitos volumes. Também foi possível a obtenção de todos os tomos do "*International Archiv für Ethnographie*", com apreciáveis trabalhos sôbre a América. Pela primeira vez cogitou-se então de catalogar a livralhada, "tarefa para a época chuvosa que já bate à porta".

Findára-se o século. E 1900 surpreendeu a Biblioteca do Museu em magnífico esplendor. Era já tal o seu valor pecuniário

que o incançável Goeldi, às voltas com o catálogo, pensa também num bibliotecário remunerado, funções até então tidas como simples posto de honra confiado pelo regimento às atribuições de sub-diretor-secretário. É nesse ano que nova testa coroada se lembra da Biblioteca para fazer grandes doações, destacando-se entre os mecenas o Príncipe Fernando I, da Bulgária, e o Príncipe Alberto, de Mônaco, este amigo velho, ambos apaixonados cultores das ciências naturais, especialmente a zoologia. Grandes aquisições estavam também destinadas para o ano imediato. Obras sistemáticas de zoologia e de botânica foram obtidas em 1901, citando o relatório entre as primeiras: F. Cuvier-Geoffroy St. Hilaire, *Histoire Naturelle des Mammifères* (4 vol.); Temminck, *Planches coloriés d'ornithologie* (5 vol.), além das obras de subscrição anteriormente principiada (*Biologia Centrali-Americana*, parte *Insectos* e *Genera Insectorum*, de P. Wystmann) e entre as segundas as *Icones plantarum*, de Hooker (28 vols.).

Vale a pena visitar a Biblioteca do Museu pelos idos de 1902. As palavras de Goeldi em seu Relatório desse ano não escondem o entusiasmo que lhe desperta o acréscimo extraordinário de sua livraria: “Um poderoso fator de incremento para a nossa Biblioteca são as remessas que nos vêm de toda a parte do globo, em troca com as nossas publicações, por intermédio do International Bureau of Exchanges by the Smithsonian Institution of Washington”, nos Estados Unidos”. E acrescenta: “Sobem a centenas as obras, revistas, etc. que nos chegam anualmente desta maneira, destacando-se, como nos anos anteriores, por uma liberalidade de veras principesca, os diversos departamentos ministeriais dos Estados Unidos da América do Norte e entre eles em primeira linha o “Geological Survey”. Em 1903 a Biblioteca também aumentou consideravelmente sua literatura botânica, zoológica e etnográfica, aparelhando-se para um serviço científico em regra. Fez-se nesse ano uma aquisição importantíssima, cujo alcance Goeldi salientou em seu Relatório: “Um incremento em primeira linha digno de nota significa a aquisição da obra completa de Humboldt e Bomp-land — “*Voyages aux régions équinoctiales*” — obra cuja falta sempre tivemos que lamentar até agora, principalmente para as secções de botânica e etnografia. Obtivemos por preço bem razoável um belo exemplar bem encadernado, por intermédio da conhe-

cida casa de livraria K. W. Hiersemann, em Leipzig". No ano seguinte, a Biblioteca deu outro passo gigantesco. Novas obras de Humboldt e Bonpland, desta vez as referentes às viagens às regiões equatoriais, foram adquiridas por compra, o mesmo se verificando em relação à outra de não menor importância, o *Sertum Palmarum Brasiliensum*, de Barbosa Rodrigues. Receberam-se ainda periódicos científicos tomados por assinatura, enquanto trinta e uma associações de países da Europa, Asia, África e Repúblicas Americanas enviavam suas publicações em permuta com o Boletim, então em pleno fastígio.

Sobre os anos de 1905 e 1906 não há Relatório concernente à Biblioteca, como, de resto, a nenhum setor do Museu. Praticamente, pode-se dizer, a partir dessa época ela começou o seu declínio, a sua marcha involutiva, que foi aliás a marcha do Museu em todos os sentidos. Em 1905 Goeldi, levado por diversos fatores que estudarei mais tarde, perdêra o entusiasmo pela magnífica instituição que tirára do nada, modelando-lhe o corpo e soprando-lhe a alma. Em 1906 resignára o cargo de Diretor do Museu partindo para a Suíça e para sempre. Ali morreria onze anos depois coberto de ingratidão e de silêncio. Não mais se falava dele, passára na órbita do mundo o gênio tutelar do Museu Paraense, desse Museu que ainda hoje, queiram ou não, é o reflexo de sua obra e de seu nome. Quasi trinta anos decorridos, era eu, no meu *culto a Goeldi*, que lhe inauguraria aqui o retrato e trazia do alemão para o vernáculo o necrológio, até então por nós desconhecido, que em 1917 lhe escrevera o professor Th. Studer nas "Verhandlungen der Schweizerischen Naturforschenden Gesellschaft".

Com a resignação de Goeldi, Jacques Huber, que lhe sucedeu na Diretoria, manteve o fogo sagrado da Biblioteca. A chama já não era a mesma, mas havia sempre um clarão. Fez-se assim ainda alguma cousa, como se vê de seus Relatórios de 1907 a 1910: "Os serviços de bibliotecário ficaram durante o ano de 1907 a cargo do Diretor, economizando-se assim a gratificação para um destino especial, também em relação com a Biblioteca, a confecção de um catálogo por "fichas" ou folhas separadas. Deste trabalho que aliás foi iniciado no começo do ano, sob a direção do meu ilustre predecessor, foi incumbida a senhorita Otilia Müller, professora particular. Todas as "fichas" foram feitas em duplicata, ficando

assim um exemplar para o uso do bibliotecário e uma para a secção à qual a respectiva obra pertence por sua matéria. O catálogo assim organizado compreendeu 2.220 volumes e brochuras; sendo continuado por uma das oficiais, ele chegou até o fim do ano com os novos acréscimos ao número de 2.600 mais ou menos. A estes juntam-se ainda 56 volumes da "Flora Brasiliensis" e diversas outras obras maiores deixadas ao Museu pelo nosso diretor honorário, a título de empréstimo". E no ano seguinte: "O aumento da nossa Biblioteca durante o ano relatorial pôde-se calcular em 400 volumes aproximadamente. Neste número entra uma coleção de publicações norte-americanas sôbre botânica e zoologia presentada ao Museu pelo professor C. F. Baker. Foram encadernados 249 volumes". Em 1909 diz Huber: "Apesar de conformarmos-nos com as recomendações de economia recebidas no começo do ano, limitando-nos à aquisição dos livros estritamente necessários e à continuação das assinaturas de revistas científicas, a nossa Biblioteca está crescendo rapidamente, graças às publicações recebidas em troca do nosso *Boletim*, cujo número vai aumentando de ano a ano". A julgar pelo último Relatório de Huber, o ano de 1910 foi apenas de organização interna para a Biblioteca: "Devido aos esforços do Dr. Rodolfo R. Schuller, encarregado provisoriamente das funções de bibliotecário, o serviço da Biblioteca se acha agora bastante melhorado. Além dos trabalhos correntes da Biblioteca, o Dr. Schuller foi também incumbido de reunir os elementos para uma "Bibliografia amazônica", obra considerável, que será de grande utilidade para quantos no futuro hão de trabalhar no Museu Goeldi sôbre questões científicas relativas ao grande vale amazônico".

Essa "bibliografia" do Dr. Schuller tinha um alcance muito grande: estudar justamente a distribuição dos habitantes da região amazônica nos tempos mais remotos de que nos falam as crônicas dos conquistadores e missionários. Para lograr esse objetivo, o autor transportou-se comissionado pelo Museu, para o Rio de Janeiro, Sevilha, Madrid e Londres, cujas bibliotecas frequentou com a paciência de um beneditino. Tal foi o seu esforço que chegou a fornecer do assunto 8.000 títulos, cuidadosamente anotados em folhas de papel à parte, além de muitas cópias de manuscritos importantíssimos para a história e a etnografia desta região. E

que fim levou esse trabalho gigantesco iniciado e prosseguido com zelo e competência? Dí-lo o Relatório de 1912, ainda de Huber: "Infelizmente, a situação precária do Tesouro do Estado não permitiu que se continuasse neste serviço, tendo-se suprimido, por ordem superior, a comissão em fins de agosto de 1912. É sumamente lastimável que um empreendimento de tanta importância científica e confiado a uma verdadeira autoridade na matéria não pudesse chegar a um resultado definitivo, tanto mais que a publicação da bibliografia teria sido um monumento digno do centenário da fundação da cidade de Belém, a ser celebrado em poucos anos".

Foi precisamente essa "situação precária", fruto da terrível crise econômica que assolou o vale amazônico após o fastígio do ouro negro, que conspirou contra a administração de Huber desde seus primórdios. Goeldi previu essa "débâcle" e pôde salvar-se dela a tempo. Huber foi colhido pela tormenta e embora chegasse a prometer que abandonaria o Museu se as coisas não melhorassem, só o fez por morte, tanto amava esta instituição que lhe deve assinalados e assinaláveis serviços. Fique esta advertência para que se saiba se a Biblioteca começou a cair em sua administração, para soerguer-se trinta anos mais tarde, o foi por uma força das circunstâncias contra a qual não era possível lutar.

De 1910 a 1945 a Biblioteca cresceu extraordinariamente, mas, se é lícito dizer, no sentido linear, longitudinal. Cresceu, primeiro resultado de permutas, porque a compra de livros se foi reduzindo de ano para ano, até cessar de todo; depois, em consequência de doações de estabelecimentos congêneres, porque interrompida a circulação do *Boletim* já não mais havia objeto para troca. Os governos desastrosos, a crise aludida, a guerra de 1914-1918, a incompetência de certos dirigentes do Museu, enfim, os maus fados em conjunto, acabaram por lançar a Biblioteca num verdadeiro pandemônio. Perdeu-se o catálogo de Goeldi, fez-se novo, inferior, de certo, que se perdeu também, além de um sem número de inventários e tombamentos... É difícil, senão impossível, seguir a parábola traçada pela Biblioteca nesses trinta e cinco anos, porque o arquivo do Museu é deficientíssimo a respeito, faltando diversos Relatórios que, certamente, se extraviaram. No tumulto da papelada, porém, aqui e acolá, ora com um Diretor, ora com outro,

acha-se uma vaga referência quasi sempre desanimadora: falta de pessoal, falta de tudo. Os bons officios dos administradores passados limitaram-se quase que exclusivamente a preservar os volumes da destruição por umidade ou por insetos. Tomos centenários estão hoje tão perfeitos como se os anos não houvessem rolado sobre eles. Chega-se a acreditar num elixir de longa vida para os livros...

Em 1945, dez vezes maior que no tempo de Goeldi, derramando-se por toda parte, sem um local nem instalações apropriadas para alojá-la convenientemente, a Biblioteca era nada mais nada menos que um desordenado depósito de livros. Aquela harmonia da confusão, que no dizer do filósofo mantém o equilíbrio do mundo, é que a trazia de pé. Todas as obras estavam praticamente "perdidas", embora em prateleiras e armários velhos, à vista do leitor. Não havia ordem, catálogo, fichário ou qualquer coisa parecida. O seu último bibliotecário, um sueco inteligentíssimo, era um homem de extraordinário merecimento intelectual, falando com fluência e escrevendo com perfeição uma dezena de idiomas, como se fôra um novo cardeal Mezzofante. Não tinha, porém, o espírito da organização e a longa paciência que faz o gênio. Passou vários anos às voltas com os livros do Museu e não estabeleceu sequer um sistema prático, rotineiro, que facilitasse a tarefa dos consulentes. Tirou notas sobre notas, "remarques" para um sonhado fichário que morreu sem levar a cabo, como aquele romântico Jacobus Dubroquens, de Anatole, com a sua pintura filosofica.

Foi nessa altura que o coronel Magalhães Barata, então interventor federal no Estado, lançou suas vistas para a Biblioteca do Museu, como lançára, de resto, a tantas coisas nesta terra. Instalou-a condignamente, em casa própria, ao lado do estabelecimento, dotou-a de estantes, mesas, mobilia, enfim, de todo o material necessário. Por último, à falta de gente melhor, nomeou-me Bibliotecário com a tarefa sobretudo de reorganizá-la sem demora. Com o concurso de Erich Rost, a estas horas em Paris, outro poliglota, mas aliando à inteligência o espírito prático, em um ano e meses de trabalho, — domingos e feriados, *ça va sans dire*, — a Biblioteca do Museu estava, como hoje, reorganizada e aberta ao público. Excuso-me de dizer que de fadigas e canseiras

custou-nos esse empreendimento. Cito um exemplo apenas para elucidar o fato e ilustrar o conto: um dia, lembro-me bem, uma tarde, Erich Rost, Godofredo Hagmann, Bernard Maimann e eu, os quatro, somando os esforços, com capacidade para compreender doze línguas, ficamos com um livro na mão muito tempo sem saber onde colocá-lo por não decifrar o idioma em que era escrito e assim a matéria de que se compunha. Salvou-nos um polaco "globe-trotter", visitante ocasional: o livro era um manual de zoologia, escrito em finlandês.

Hoje a Biblioteca ocupa onze salas, cada qual enfeixando uma especialidade. Aqui botânica, ali zoologia, acolá geologia, mais além etnografia e assim por diante. Por vezes há divisão e subdivisão: setor de zoologia — entomologia, ictiologia, ornitologia, etc. Conta a Biblioteca 2.504 obras, compreendendo 10.935 volumes, além de 354 "dossiers" contendo 5.139 pequenas publicações. As obras estão assim divididas: botânica, 362; zoologia, 555; geologia, 178; etnografia 228; geografia e história, 313; agricultura 351 e miscelânea, 517. Estão representados nessa livraria 17 idiomas: português, inglês, francês, alemão, espanhol, checo, holandês, sueco, latim, italiano, polonês, russo, dinamarquês, norueguês, húngaro, finlandês e japonês. Predomina o inglês, com 4.232 volumes, seguindo-se o alemão com 1.857, o português com 1.497, o francês, com 1.488 e o espanhol com 761. Os demais não atingem 300 cada um. O menos representado é o japonês com um volume sobre agricultura. Todo esse material bibliográfico acha-se fichado à máquina, por autor e matéria, o que facilita rapidamente a consulta, à primeira indicação da memória. Há obras com dezenas de fichas, como a *Flora Brasiliensis* de Martius, a coleção de Humboldt, os *Proceedings of Zoological Society* de Londres, a coleção de Cuvier, de Castelnau, de Buffon e tantas outras. Não raro um livro aparece fichado em mais de uma secção, o que se dá quando o assunto aborda matéria diferente. Há ainda uma boa mapoteca, pequena, é verdade, porque em formação, contendo assim mesmo uma centena de cartas geográficas sobre o Brasil em geral e a Amazônia em particular.

E quanta coisa mais digna de ser vista e de ser manuseada para aplacar a sede do saber, a *libido sciendi*, o apetite do conhecimento! Que maravilha de *editio princeps* constituem os três vo-

lumes *Delle Navigationi et Viaggi*, de Battista Ramusio, impressa em 1554 na Stamperia de Giunti, de Veneza. Contém o 1º volume a descrição da África; o 2º a da costa da Tartária com as aventuras de Marco Polo e o 3º a do Novo Mundo com a crônica de Cortez, Pizarro e dos outros capitães da Conquista. Depois, esse volumezinho *An Impartial Description of Surinan upon the Continent of Guiana in America*, publicado em Londres em 1667; a *Relacion Historica del Viage a la America Meridional hecho de orden de S. Mag. por Don Jorge Juan y don Antonio de Ulloa*, vindo a lume em Madrid em 1748; a *Relacion del ultimo viage al Estrecho de Magallanes de la Fragata Santa Maria de la Cabeza en los años de 1785 y 1786*, também de Madrid, edição de 1788, e por fim esse trabalho monumental, *A Monograph of the Ramphastidae or Family ou Toucans* por John Gould, F. R. S., Londres, 1854. É um livro de grande formato, com os tucanos pintados em tamanho natural e côres próprias, gravuras sôbre aço e retoque à mão. Olivério Pinto namorou-o dias inteiros.

Não está, porém, no espírito deste ensaio traçar a apologia de nossos livros velhos e revelhos que fariam a tortura dos bibliófilos do famoso “Roxburghe Club”, de Londres, senão de olhá-los em conjunto, no *mare-magnum* dos antigos e dos novos. Foi isto o que aqui se fez, bem ou mal, não importa, em todo caso com amor e talvez com encanto. A observação de Charles Nodier é um fato incontestável: “depois do prazer de possuir livros, não há outro mais grato que o de falar deles”...